

# País não está pronto para o ‘‘Plano Brady’’

***Paulo Francis***  
*de Nova Iorque*

O ministro Maílson da Nóbrega confirmou, ontem, numa coletiva de imprensa em Washington que o Brasil não está preparado para participar do chamado “Plano Brady”, que permitiria a países devedores da América Latina e do terceiro mundo em geral comprarem seu débito externo pelo preço de mercado real, ou seja, de 25 a 30% do valor nominal. No caso do Brasil, que deve US\$ 120 bilhões e só faz pagar juros ou capitalizá-los (integrá-los ao principal da dívida), isto seria um alto negócio. O sr. Maílson da Nóbrega diz não “estar de mãos atadas”. Mas está. Fez uma pequena cena antes da coletiva. Nervoso, andava de um lado para o outro, sorrindo amarelo e quebrou seu voto de parar de fumar acendendo um cigarro enquanto esperava o fax que trazia a manchete da “Folha” de ontem, cuja veracidade negou, claro, mas que confirmou pelo que disse, ou não, na coletiva.

Nada disse de concreto, em resumo. De uma reunião de duas ho-

ras com Michel Camdessus, diretor executivo do FMI, onde deve ter ouvido poucas e boas, porque o sr. Camdessus é notoriamente grosseiro, o máximo que conseguiu foi que uma nova missão do FMI vá do Brasil dentro de algumas semanas. É óbvio, portanto, que acordo não há. Este correspondente escreveu ontem que o FMI sistematicamente tem recusado os números sobre a economia brasileira do governo Sarney, déficit público, base monetária (inflação) etc., como falsos, que são, todo mundo sabe disso, incluindo o sr. Maílson. É público e notório que o chamado “setor público”, o governo e seu complexo de estatais deficitárias, continua em elefantíase progressiva. Não há privatização de coisa alguma. Não há, nem poderia haver, porque impedida pelo nova Constituição, qualquer abertura ao capital estrangeiro e à iniciativa privada em geral (se bem que a Constituição protege os donos habituais do Brasil, latifundiários e empreiteiros). Tudo isto é exigido dos eventuais participantes do “Plano Brady”. Claro que o Brasil não está capacitado a participar do dito cujo e não estará neste final de governo

Sarney.

Mas o sr. Maílson depois de dizer que sua conversa com Nicholas Brady, foi genérica, declarou que Brady afirmara que o Brasil poderia participar do plano que leva seu nome. Se a conversa foi genérica, quais os específicos que os dois discutiram? Não faz sentido o que o sr. diz. E como o “dinheiro novo” que afirma receber sempre que o Brasil paga uma das prestações de juros. Ninguém sério acredita que o Brasil receba coisa alguma. Mas o sr. Maílson e uma imprensa conveniente insistem na existência deste “dinheiro novo”. O sr. Maílson poderia calar a boca dos que o contestam exibindo às televisões o cheque, ou registro de depósito, emitidos pelo Citibank. Mas, claro, não pode mostrar o que não existe. Como o Brasil, amarrado ao estatismo improdutivo que já é recusado às escancaras pelos dois gigantes comunistas, URSS e China, não pode participar do “Plano Brady”, que poderia nos salvar da insolvência e nos devolver ao mercado financeiro mundial se houvesse disposição do governo de modernizar nossa economia.